



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

Departamento de Comunicação

Veículo: Yahoo

Data: 28/05/2019

Local/Abrangência: Nacional

Editoria/Coluna: Yahoo Notícias

Link/página: <https://br.noticias.yahoo.com/jovem-que-venceu-feira-mundial-de-ciencias-sonha-com-premio-nobel-114516113.html>

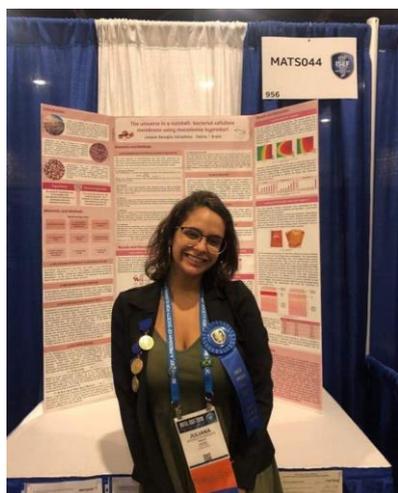
Jovem que venceu feira mundial de ciências sonha com prêmio Nobel



Giorgia Cavicchioli

Yahoo Notícias

28 de maio de 2019



Juliana ficou em primeiro lugar de feira mundial. Foto: Arquivo Pessoal.

A estudante Juliana Estradioto ganhou as manchetes dos jornais ao ficar em primeiro lugar na área de ciência de materiais na Isef (Intel International Science and Engineering Fair), que aconteceu nos Estados Unidos. A jovem de apenas 18 anos pesquisa como a casca da noz macadâmia pode se transformar em plástico biodegradável.

Em entrevista ao blog, ela explica um pouco melhor sobre sua pesquisa e como conquistou o primeiro lugar na maior feira científica para alunos do ensino médio do mundo. “Me emocionou poder representar o nosso país”, afirmou a jovem.

De acordo com Juliana, o prêmio a mostrou que ela pode ir muito mais longe do que imagina e que outras meninas cientistas a inspiram todos os dias para continuar seu trabalho e, quem sabe, ganhar um prêmio Nobel para o Brasil.

Leia a entrevista completa:

Me conte um pouco sobre sua pesquisa.

Juliana Estradioto: Na minha pesquisa, eu utilizo a casca da noz macadâmia como se fosse um alimento para microorganismos. Aí, esses microorganismos são responsáveis por produzir um

material biológico que é uma membrana. Essa membrana pode ser aplicada como uma alternativa para os plásticos normais. Então, seria algo sustentável, né? Por ser um material biodegradável. E essa membrana também tem aplicações na área da saúde. Eu estou começando a investigar agora a utilização desse tipo de membrana como se fosse um curativo para cicatrizes.

E me conte um pouco sobre o prêmio. Como ele funciona?

Juliana: Eu participei de uma feira de ciências para alunos do ensino médio nos Estados Unidos. Eu fiz o curso técnico em administração integrado ao ensino médio no Instituto Federal do Rio Grande do Sul. Então, eu desenvolvi a minha pesquisa durante o meu último ano do ensino médio. Com essa pesquisa, eu participei de feiras de ciências brasileiras. Eu fui apresentar o meu trabalho esse ano, em março, lá na USP (Universidade de São Paulo) e eu fiquei em primeiro lugar na categoria de ciências agrárias. E, além de primeiro lugar, eu ganhei um credenciamento para a maior feira de ciências do mundo, que é essa que acontece nos Estados Unidos.

Como foi sua participação na feira?

Juliana: Ela reúne 80 países, mais de 1.800 estudantes. E para ir representar o Brasil lá é muito difícil. Precisa ser um dos melhores 18 projetos entre milhares que passam por essas feiras brasileiras. Então, é, realmente, muito difícil. E aí, o prêmio, o que acontece? A gente vai para essa feira de ciências lá nos Estados Unidos, que é a maior do mundo, e, além de apresentar nossa pesquisa, a gente também tem intercâmbios culturais. Aí eu tive um dia específico de avaliação e eu fui avaliada por 10 avaliadores. Esses avaliadores são especialistas na área que eu estava concorrendo. Eu estava concorrendo na área de ciência dos materiais. Eu tive 10 doutores me avaliando, eu concorri com 80 projetos nessa categoria e, nessa eleição, quem ganha, é pela própria avaliação desses especialistas.

O que você mais aprendeu?

Juliana: A feira de ciências lá nos Estados Unidos é incrível por causa dessa parte do intercâmbio cultural. Então, a gente pode conhecer pessoas de outras realidades, de outras culturas e aprender sobre isso, aprender sobre empatia. Eu acho que essa é a parte mais incrível da feira.

Você ficou emocionada com o prêmio?

Juliana: Eu fiquei muito emocionada com esse prêmio. Eu já tinha participado dessa feira. Essa foi a terceira vez que eu fui participar lá. E é muito impossível ganhar primeiro lugar. Só 2,5% da feira ganha o primeiro lugar. Então, eu sabia o quão difícil era e eu acho que o mais me emocionou foi poder representar o nosso país, trazer esse conhecimento. E, não só em uma questão nacional, mas também pra mim mesma. Para mostrar o quanto eu sou capaz de ir longe e de, realmente, fazer uma pesquisa que tem qualidade.

Você sempre gostou de ciência?

Juliana: Quando eu era criança eu gostava de ciência, sim. Matemática era uma das minhas matérias preferidas. Mas, meu sonho era ser cantora. Acontece que eu não sou uma boa cantora (risos). Mas, acabei me apaixonando muito pela pesquisa, pela área das ciências, quando eu fui incentivada pela minha professora orientadora que é a Flávia Twardowski. Eu queria fazer um projeto de ciência para resolver um problema que eu tinha visto, que era justamente essa disposição de lixo orgânico no meio ambiente, e aí eu fui incentivada a correr atrás disso e acabei me apaixonando demais pela área da pesquisa.

Quem te inspira no seu meio? Quais mulheres cientistas você gosta e se espelha?

Juliana: Eu adoro ler sobre mulheres cientistas. Sobre meninas cientistas principalmente. Uma das coisas que mais me inspira é ver outras meninas jovens fazendo pesquisa no ensino médio. Isso, para mim, é uma das coisas mais bonitas. Eu consigo acompanhar de perto minhas amigas e elas são grandes inspirações. Elas, realmente, têm muita paixão pelo o que elas fazem. E, além dessas jovens cientistas, eu também me inspiro muito na minha professora orientadora. Ela tem um trabalho

muito bonito como pesquisadora e também como orientadora, como incentivadora. E a minha mãe, que é uma mulher incrível e que me inspira demais. Eu gosto muito de tentar tirar inspiração dessas pessoas que estão no meu cotidiano. Eu consigo ver o quanto elas se dedicam naquilo que elas acreditam.

O que pensa agora sobre o futuro?

Juliana: Eu espero estar sendo uma pesquisadora, quem sabe ganhar o prêmio Nobel e trazer um prêmio Nobel para o Brasil. Eu também já comecei a trabalhar com duas áreas que eu acho muito importante: divulgação e educação científica. A gente precisa mostrar para a população o papel do cientista e o quanto a ciência e a tecnologia são importantes dentro da nossa sociedade, dentro do nosso cotidiano. Mostrar como várias coisas que estão permeando a nossa vida todos os dias só existem por causa da ciência e da tecnologia. Também quero divulgar as histórias dessas meninas que são muito inspiradoras e que fizeram várias coisas incríveis.

Você tem um projeto sobre isso, não é mesmo?

Juliana: Eu tenho um projeto no Instagram que se chama Meninas Cientistas (@meninascientistas) justamente para divulgar um pouquinho dessas trajetórias lindas e inspiradoras. A ciência e a educação mudaram muito a minha vida. E, hoje, eu sei que eu sou apaixonada porque eu tive a oportunidade de trabalhar com pesquisa no ensino médio. Uma das minhas missões de vida é fazer com que todo jovem tenha esse tipo de oportunidade. Mesmo que ele não queira ser um cientista depois, tudo bem. A pesquisa estimula muito o pensamento crítico e a gente fica com uma visão de mundo muito maior e mais acolhedora.